



O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento

Josiel Machado Santos

Resumo: O artigo apresenta uma visão histórica sobre a trajetória da biblioteca através dos tempos tendo como complementos a figura do bibliotecário no decorrer dessa evolução. Expõe-se a gênese das bibliotecas e a evolução de suas funções de depositária dos registros do conhecimento a um veículo de apropriação e disseminação da informação, resgatando por fim, de forma sucinta, a história das bibliotecas dos principais períodos da história até chegar às bibliotecas de consumo durante o período do Renascimento.

Palavras-chave: Bibliotecas. Evolução histórica. Bibliotecário.

1 INTRODUÇÃO

Desde o início da humanidade, o homem tem se preocupado em registrar todo o conhecimento por ele produzido. Esta forma de registro evoluiu desde os blocos de argila até o armazenamento de dados em uma rede digital. Então se questiona: foi somente pela existência das bibliotecas que o homem se encontra hoje nesse período evolutivo, uma vez que o conhecimento do passado serviu de suporte para as novas descobertas? É a partir desse questionamento, que o estudo pretende discutir. Acredita-se que tal seja verdade, devido à importância que essas “casas da sabedoria” sempre representaram.

Este artigo trata do processo evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento e objetiva identificar sua importância através do tempo para a preservação e conservação do conhecimento humano, além de descrever as diferenças de atendimento, estrutura, funcionalidade de cada uma delas e colocando sua importância em evidência no decorrer dessa trajetória.

Em relação aos procedimentos metodológicos utilizados para sua construção, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, pois conforme cita Gil (2010), esse tipo de pesquisa oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas ainda apresentam abordagens diversas ou inconformidades. Ainda sobre a pesquisa bibliográfica, Cervo e Bervian (2002, p. 65) dizem que ela “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em

documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental”.

A palavra biblioteca é originária do grego *bibliotheke*, que chegou até nós através da palavra em latim *bibliotheca*, derivada dos radicais gregos *biblio* e *teca* que, respectivamente significam livro e coleção ou depósito. Enfim, etimologicamente, significa depósito de livros (CUNHA, 1997).

No entanto, no sentido contemporâneo, como salienta Souza (2005), a palavra biblioteca não deve apenas se referir a depósito de livros, mas sim a toda e qualquer compilação de dados registrados em diversos suportes, seja em meio físico, eletrônico, digital ou virtual. Além disso, caso o acervo esteja em meio eletrônico ou virtual, o conceito se amplia e o acesso ao seu acervo e serviços pode ser universal.

2 AS BIBLIOTECAS DA ANTIGUIDADE

Foram muitas as bibliotecas na Antiguidade e é interessante dizer que eram bastante distintas entre si. As diferenças entre elas se davam de acordo com o tipo de suporte que fazia parte de seu acervo. Inicialmente, temos as bibliotecas minerais e, posteriormente, as bibliotecas vegetais e minerais (MARTINS, 2002).

Nesse período, as bibliotecas não tinham um caráter público e serviam apenas como um depósito de livros, sendo mais um local em que se escondiam os livros do que um lugar para preservá-los e difundi-los (MARTINS, 2002). Ainda, segundo o autor, as disposições arquitetônicas dos edifícios das bibliotecas tinham por objetivo a intenção de impedir a saída do acervo.

Os acervos dessas bibliotecas eram organizados em armários com divisórias e arrumados um ao lado do outro, contendo etiquetas visíveis indicadoras dos títulos.

Battles (2003, p. 37) salienta que

[...] a reunião das obras em grande número ajudava, na verdade, mais a destruição que a preservação, e a maior parte das que sobreviveram pertenciam a pequenas coleções particulares. Ainda hoje, é difícil determinar a quantidade de obras que se perderam em incêndios e catástrofes por estarem reunidas em grandes quantidades.

Dentre as mais importantes Bibliotecas da Antiguidade pode-se citar a de Nínive, a de Pérgamo, as gregas, as romanas e, principalmente, a Biblioteca de Alexandria, a mais famosa

e importante do mundo antigo (BATTLES, 2003). Apesar da importância e grandiosidade “[...] nenhuma Biblioteca da Antiguidade sobreviveu” (SOUZA, 2005, p. 3).

2.1 Biblioteca de Nínive

Uma das bibliotecas mais imponentes da Antiguidade foi a de Nínive, pertencente ao Rei Assurbanípal II e, a ela, esse soberano dedicou muita atenção, dotando-a de enormes recursos.

O acervo da biblioteca era documentado em blocos de argila cozida e escrita em caracteres cuneiformes que remontam o século IX a.C. (MARTINS 2002). Battles (2003) afirma que as placas eram classificadas por assuntos e identificadas por marcas que determinavam sua localização dentro da coleção. Existia ainda uma espécie de catálogo onde se registravam as grandes diversidades de assuntos.

Segundo Souza (2005), a Biblioteca de Nínive pode ser considerada a primeira coleção indexada e catalogada da história.

A biblioteca permaneceu oculta por muitos séculos até ser descoberta por *Sir* Henry Layard, em 1845. Muitos fragmentos, aproximadamente 25.000, encontrados estão hoje no Museu Britânico (SOUZA, 2005).

Perez-Rioja (1952) afirma que, além da Biblioteca de Nínive, existiram muitas outras bibliotecas em templos e palácios da Babilônia, todavia, como a de Nínive, todas sucumbiram. Entre elas, estão as de Assur, Koloch e Nippur.

2.2 Biblioteca de Pérgamo

Outra das grandes bibliotecas da Antiguidade foi a Biblioteca de Pérgamo, localizada na Ásia Menor.

Fundada por Átalo I e seguida por seu filho, Eumenes II, a biblioteca fazia parte do projeto real de converter Pérgamo em um centro crítico e literário de toda a Ásia Menor. Perez-Rioja (1952) cita que, a biblioteca reuniu um numeroso grupo de eruditos e literatos, encarregando-os da realização de estudos linguísticos e literários que, segundo Martins (2002), tinha por objetivo competir com a Biblioteca de Alexandria.

A biblioteca chegou a gozar de grande reputação e que contava com um acervo de duzentos mil volumes. Battles (2003) informa que, se a biblioteca não alcançou a reputação

intelectual de Alexandria, teve uma grande significação histórica, sendo a responsável por inventar o pergaminho (*Charta Pergamenum*), que por ser reciclável e resistente, viria a ser o suporte preferido para a escrita durante os mil anos seguintes.

Conforme cita Battles (2003) e Perez-Rioja (1952), devido ao saque feito por Marco Antônio, em 40 a.C, a biblioteca desapareceu.

2.3 Bibliotecas na Grécia

Na Grécia, a primeira biblioteca foi criada por Pisístrato, que tinha o caráter de biblioteca pública e que objetivava reunir em um mesmo lugar obras dos autores mais famosos, tais como Homero e outros rapsodos famosos (MARTINS, 2002).

Muitos historiadores, porém, mantêm um grande mutismo em relação às bibliotecas gregas devido ao fato de que a maior parte das bibliotecas estariam nas mãos de particulares e, devido a isso, há pouco a ser relatado sob suas características ou outros aspectos. Além disso, grandes quantidades de volumes foram transferidos para a Biblioteca de Alexandria.

Martins (2002) diz que, o caráter, sobretudo oral, da literatura grega talvez, explique a quase inexistência de bibliotecas na Grécia. As bibliotecas gregas, ainda que particulares, que merecem destaque são as de: Eurípedes, Aristóteles e Teofrasto.

2.4 Bibliotecas em Roma

A fundação de bibliotecas em Roma apresenta um verdadeiro avanço na representação física e crítica das chamadas “Casas da Sabedoria”. De forma simples, as bibliotecas em Roma constituíram duas formas de apresentação: as bibliotecas particulares e as bibliotecas públicas.

2.4.1 Bibliotecas Particulares

Muitos das primeiras bibliotecas privadas de Roma tiveram como base, acervos provenientes de saques de guerra. Já na época de Cícero (106 - 43 a.C.), os romanos mais cultos podiam dispor de livros copiados de forma ortodoxa por escribas ou em muitos casos, escravos cultos vindos da Grécia (BATTLES, 2003).

Cícero, como muitos outros romanos, era dono de uma grande biblioteca particular à qual muito apreciava. Tem-se ainda conhecimento de outras importantes bibliotecas, nos séculos IV e V de nossa era, que pertenceram a personalidades famosas, entre os quais: Quinto Aurélio Símaco, o gramático Cosentio e vários padres e doutores da Igreja.

Ao findar o período republicano de Roma (27 a.C.), existiam inúmeras bibliotecas privadas e, em muitas casas, em seus projetos de edificação eram incluídos em sua estrutura espaços próprios para bibliotecas (SOUZA, 2005).

A única biblioteca particular da qual existem hoje, alguns vestígios, é a da famosa Vila dos Papiros, em Herculano, que permaneceu durante muitos séculos, oculta sob as cinzas da famosa erupção do Vesúvio, que a sepultou no ano de 79 da nossa era. Era uma biblioteca de tamanho extraordinário: continha mais de dois mil rolos, o que prova que, mesmo as bibliotecas particulares de Roma, exibiam opulência em relação a muitas outras (BATTLES, 2003).

2.4.2 Bibliotecas Públicas

A ideia de biblioteca pública parecida com as atuais foi invenção de Júlio César, que tinha por objetivo construir uma pouco antes de ser assassinado. Depois de sua morte, um de seus partidários, Asínio Pólio e o escritor Públio Terêncio Varrão, levaram o projeto adiante e, em 39 a.C., foi construída no Fórum Romano a primeira Biblioteca Pública de Roma (MARTINS, 2002).

A biblioteca era formada por dois salões de leitura, sendo um para livros em latim e outro para livros em grego e, em cada um deles, decorados com estátua de poetas e oradores dos dois idiomas (BATTLES, 2003).

Após a fundação dessa biblioteca e a recente queda da República e ascensão do Império, muitas outras bibliotecas surgiram em Roma. Dentre elas está a Biblioteca Palatina, fundada pelo Imperador Augusto e anexada ao Templo de Apolo.

Battles (2003, p. 50) nos dá uma idéia de como era a biblioteca [...] “suas salas de leituras eram dispostas lado a lado e continham muitos nichos nas paredes nas quais eram postos os *armaria*, estantes de madeira com portas em que eram guardados os rolos. Nos nichos mais fundos era dado lugar a estátuas” [...].

Como Augusto, muitos imperadores romanos incluíram bibliotecas em suas administrações públicas. A maior de todas as bibliotecas de Roma foi, sem dúvida, a Ulpiana,

fundada pelo Imperador Trajano e que, com a Palatina, constituía as duas mais importantes das 28 bibliotecas públicas que Roma possuía no século IV.

Battles (2003, p. 52-53) nos explica como era formada as salas de leitura da biblioteca

[...] em vez de ser feitas lado a lado, foram dispostas uma de frente a outra, comunicando-se por colunatas guarnecidas de anteparos. No pátio existente entre elas, foi erigida a coluna de Trajano. O que mais surpreende é que um homem dado a guerras foi capaz de se preocupar com a cultura e com o conhecimento [...]. Além disso, os imperadores não se limitavam somente em dotar seus próprios palácios e templos com bibliotecas, eles também as ofereciam ao povo de Roma.

Em Roma, a biblioteca pública prestava serviço de destaque como depositários de importantes documentos públicos, e algumas, até os emprestavam para leitura a domicílio. A administração estava, frequentemente, a cargo de sacerdotes, já que muitas vezes se localizavam dentro de um templo ou em anexo a ele (MARTINS, 2002).

Infelizmente, os sucessivos incêndios e o caos político que mergulhou Roma levaram conseqüentemente, a destruição das bibliotecas romanas. Conforme cita Battles (2003, p. 58-59) [...] “não existe biblioteca que não acabe desaparecendo, deixando atrás de si um quebra cabeça que as futuras gerações tentarão remontar” [...].

2.5 Biblioteca de Alexandria

Durante sete séculos, entre os anos de 280 a.C. a 416 d. C., a Biblioteca de Alexandria reuniu o maior acervo de cultura e ciência da Antiguidade. Ela não se contentou em ser apenas um enorme depósito de rolos de papiro, ditos livros, mas por igual tornou-se uma fonte de instigação para que os homens de ciência e de letras desbravassem o mundo do conhecimento e das emoções, deixando assim um notável legado para o desenvolvimento geral da humanidade.

A Biblioteca de Alexandria foi criada em 280 a.C. pelo fundador da dinastia Ptolomaica (ou Lágida) do Egito, Ptolomeu I Sóter (o Salvador). Tudo indica que o erguimento daquele magnífico edifício, nas proximidades do palácio real, deveu-se à insistência de Demétrio de Falera, um talentoso filósofo que encheu os ouvidos de Ptolomeu para que ele tornasse Alexandria, uma rival cultural de Atenas.

Segundo Mey (2004), Demétrio expôs ao soberano que ele só seria um bom governante se conhecesse melhor o povo por ele governado e que conhecesse as obras sobre o

exercício do poder, o que logicamente, implicava na criação de um centro de estudo e pesquisa para que tal fato pudesse de fato ocorrer.

Em concordância com tal fato, Flower (2002, p. 18) afirma que [...] “Ptolomeu I não era apenas um tirano [...] mas um homem de letras com uma queda por tudo que estivesse ligado ao intelecto” [...].

A Biblioteca, na verdade na era apenas uma, mas duas. A maior e principal foi construída no século III a.C., no interior do Mouseion (ou Templo das Musas). A biblioteca menor, conhecido com a “irmã”, foi criada um século depois, no interior do Templo de Serápis, deus egípcio helenizado e protetor de Alexandria. Ambas as coleções estavam localizadas no Bruquion, parte da cidade onde estavam os palácios reais. Battles (2003, p. 61) afirma que “[...] muito se fala a respeito delas como se fossem uma coisa só [...]”, mero engano.

Em seus primeiros três séculos, da fundação à chegada de César, afirma-se que partindo dos 200 rolos iniciais do tempo de Ptolomeu II Filadelfo chegou-se a acomodar mais de 700.000 rolos em volumes diversos. Mey (2004) explica que esse número não queria dizer que houvesse o mesmo total de obras, uma vez que, uma mesma obra podia ter vários rolos.

O acervo começou a ser formado junto com a fundação da biblioteca, porém, as formas como se adquiriam as obras eram bem diversificadas. Apaixonado colecionador, Ptolomeu II Filadelfo comprou todos os papiros e rolos que conseguiu adquirir e, até mesmo, bibliotecas inteiras.

Além disso, a ética era posta de lado quando se tratava de manuscritos raros ou originais. Ptolomeu III Evergeta, obcecado em aumentar o acervo ordenou que qualquer livro ou manuscrito vindo do exterior ou encontrado nos navios, deveria ser apreendido e levado à biblioteca. Depois de copiado, o original ficava na biblioteca, ao passo que, a cópia era devolvida ao dono junto com um prêmio de 15 talentos (SOUZA, 2005).

Quanto à organização física da biblioteca, essa era de forma bastante planejada. Battles (2003, p. 68) nos diz que [...] “as estantes no interior do edifício eram circundadas por colunatas abertas expostas a brisa, formando corredores cobertos que os estudiosos podiam utilizar para estudo ou discussão” [...].

Quanto à organização do acervo era da seguinte forma: os rolos tinham etiquetas presas aos *Umbilici* com os nomes dos autores e com os títulos das obras e eram colocados dispostos em pilhas.

Para qualquer intelectual ser convidado para o cargo de bibliotecário-chefe em Alexandria era, simplesmente, alcançar a glória. As atribuições do bibliotecário-chefe transcendiam as funções habituais, pois eles eram também humanistas e filólogos, encarregados de reorganizar as obras dos autores. Além disso, eram encarregados também da tutoria dos príncipes reais, a quem deveriam orientar nas leituras e no gosto (BARATIN; JACOB, 2000).

Dentre todos os bibliotecários de Alexandria, os mais importantes foram: Zenótodo de Éfeso, Apolônio de Rodes, Erastótenes de Cirene, Apolônio Eidógrafo, Aristarco de Samotrácia, Aristófonos de Bizâncio e, certamente, o mais importante e sábio de todos, Calímaco de Cirene (MEY, 2004).

Os incêndios fazem parte da história da Biblioteca de Alexandria e, com certeza, o frágil papiro parece não ter ardido apenas uma vez.

O primeiro incêndio ocorreu em 48 a.C. quando Júlio César, cercado no palácio real e em defesa de sua amante, Cleópatra, incendiou os barcos ancorados no porto e, conseqüentemente, o fogo se espalhou e atingiu armazéns e a biblioteca do Mouseion, destruindo de uma só vez, 40 mil rolos (BATTLES, 2003).

A biblioteca foi ainda destruída pelo fogo em mais três ocasiões: em 272 d.C. quando o Imperador Aureliano devastou o Bruquíon na guerra contra a famigerada Zenóbia, Rainha de Palmira; em 392, quando o Imperador Teodósio I com a colaboração de Teófilo, Patriarca de Alexandria, arrasou-a juntamente com outros edifícios pagãos e, em 642, pelos muçulmanos, sob a chefia do Califa Omar I (SOUZA, 2005).

Porém, muitos autores, dentre eles Mey (2004) e Battles (2003), concordam que há um descrédito total na narrativa que responsabiliza os muçulmanos, especialmente o Califa Omar, de ter mandado o general Amr incendiar a biblioteca no ano de 642. Segundo eles, quem terminou por fazer carga pesada contra os templos pagãos e sobre a biblioteca, já empobrecida, no século IV, foi o bispo Teófilo que viu naquele prédio um depósito de maldades do paganismo e ateísmo, mobilizando a multidão cristã para a sua demolição, ocorrida provavelmente no ano de 392.

Seja como for, Mey (2004, p. 12) acertadamente diz que

A Biblioteca de Alexandria, [...] provavelmente sofreu mais de algumas e menos de outras – de todas as causas, até mesmo por sua longa permanência na história: ao todo, cerca de seis séculos. Deixou-nos uma herança indelével, um exemplo a ser seguido, de busca do conhecimento e da intolerância. Certamente o homem moderno tem muito a aprender das lições de Alexandria [...].

3 BIBLIOTECAS NA IDADE MÉDIA

Na medida em que as luzes de Roma começavam a se apagar, suas bibliotecas definharam e morreram, uma vez que os recursos necessários para adquirir e preparar o pergaminho se tornou caro e escasso (BATTLES, 2003). Iniciava-se aí um período sombrio para o estudo, para os livros e para as bibliotecas; iniciava-se a Idade Média.

Segundo Martins (2002), a Idade Média contou com três tipos de bibliotecas: as Monacais (desenvolvidas dentro de mosteiros e abadias, logo no início do período medieval), as Particulares juntamente com as Bizantinas e as Universitárias (já bem no fim da Idade Média).

Não seria errado afirmar que as bibliotecas medievais, ao menos no início, eram apenas um prolongamento das bibliotecas da Antiguidade uma vez que, seu usuário, era específico e seu acervo era fechado ao público em geral. A biblioteca ainda era definida como uma guardiã dos livros e não como uma disseminadora da informação.

3.1 Bibliotecas Monacais

Durante o período medieval, mosteiros e conventos definiram-se como bibliotecas. No que diz respeito ao seu aspecto arquitetônico sabe-se que seus armários eram embutidos nas enormes paredes e também diversas estantes de leitura existiam ali para permitir o manuseio dos grossos *in-fólios* medievais, inclusive as portáteis, nas quais todos os livros estavam acorrentados, o que tudo indica que havia um medo grande de roubos de obras valiosas (MARTINS, 2002).

Todos os grandes mosteiros possuíam um *Scriptorium*, oficina de copistas em que o trabalho era distribuído aos monges. Algumas ordens estipulavam em suas regras como dever piedoso, o trabalho escriturário, e pode se dizer que, em se tratando de manuscritos, os monges contribuíram muito para salvar, através de cópias sucessivas, muitas obras cristãs e da Antiguidade.

Em relação ao suporte de escrita, houve uma evolução em pequena escala. Inicialmente, monges anacoretas do Egito, por volta do ano 600, utilizavam cacos de cerâmicas, ou óstracas, para o registro de suas cópias de clássicos antigos por não ter outro tipo de material. Pouco tempo depois, a maior parte dos escritos foi gravado em tabuinhas cobertas de cera; o problema é que bastava um esfregão para apagar o que tivesse escrito ali.

Já no quarto século, as obras de mosteiros, como o de *Chenoboskion*, consistiam em maço de folhas de papiro dobradas e frouxamente costurados em uma capa de ouro (BATTLES, 2003). Por fim, os palimpsestos, pergaminhos que foram raspados para se utilizar como suporte de escrita.

Entre as principais bibliotecas Monacais, podem-se citar duas em especial: a biblioteca de Cassiodoro e a biblioteca de um mosteiro sírio liderado por Moisés de Nisibis. Ainda como importantes bibliotecas Monacais, pode-se citar: a de *Monte Atos*, a de *Saint Gall* (na Suíça), as de *Corbie*, *Cluny* e de *Fleury-sur-Loire* (na França), dentre outras. (MARTINS, 2002).

3.2 Bibliotecas Bizantinas e Particulares

Segundo Martins (2002), as Bibliotecas Bizantinas são de uma importância maior que as ocidentais, pois de certa forma, seria impossível imaginar que os monges ocidentais sozinhos fossem capazes de provocar ou permitir o Renascimento.

Enquanto as bibliotecas ocidentais perpetuavam exclusivamente a literatura latina e sua respectiva cultura, as bizantinas eram predominantemente núcleos da civilização helênica, um conteúdo profano para os cristãos. Apesar de serem mantidas por monges, a contaminação profana era mais fácil e maior.

Martins (2002, p. 86) diz que [...] “a fuga desses monges e desses sábios de Bizâncio para o Ocidente, trazendo os seus manuscritos e os seus conhecimentos, por ocasião da tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, é que provocará a Renascença e, por consequência, o fim da Idade Média” [...].

Os mais célebres dos conventos bizantinos foram o Studion, com sua oficina de copistas e a sua biblioteca, e o Claustro de Santa Catarina, junto ao Monte Sinai. Na cidade de Constantinopla, encontram-se ainda, algumas das maiores Bibliotecas Particulares, ou seja, aquelas mantidas por imperadores ou grandes nobres. No geral, as bibliotecas particulares do Oriente eram grandes, algumas chegavam a conter cerca de cem mil volumes. Dentre as coleções particulares que merecem destaque, cita-se a do sábio Fócio I que compunha-se de 280 obras de valor inestimável.

Muitas delas contavam com copistas e um bibliotecário principal, que tinha por finalidade a organização do acervo. Outro grande proprietário particular foi o Rei Carlos V da França que chegou a reunir cerca de mil e duzentos volumes, um número considerável no seu tempo. Seus manuscritos eram importantes, não só pelo seu conteúdo, mas pela suas

miniaturas e iluminuras. Atualmente, muitas de suas obras compõem parte do acervo da Biblioteca Nacional da França.

3.3 Bibliotecas Universitárias

Importantes mudanças intelectuais e sociais afetaram o desenvolvimento das bibliotecas européias entre os séculos XIII e XV. A primeira delas foi à criação das universidades.

Devido ao número crescente de novas universidades, de estudantes e também de textos prescritos para estudo, criou-se uma demanda de livros sem precedentes. Isso podia ser resolvido simplificando e barateando os custos de produção dos livros, porém, mesmo assim estes ainda demandavam muitos recursos. Uma das soluções encontradas foi abrir as portas das bibliotecas existentes (PEREZ-RIOJA, 1952).

Um grande avanço das Bibliotecas Universitárias foi à criação do primeiro catálogo unificado que continha o nome dos autores e obras, bem como a indicação das bibliotecas monacais onde poderiam ser encontradas tais obras. Sua autoria coube a franciscanos ingleses, na segunda metade do século XIII.

Em fins do século XIII, as Universidades fundam suas próprias bibliotecas. A Universidade de Paris, chamada de *Sorbonne*, iniciou sua biblioteca com a doação dos livros de Robert de Sorbon. Outra importante influência para a criação das bibliotecas foi à crescente onda de leigos ricos e instruídos, nobres e mercadores para quem o patrocínio do saber e a posse de belos livros eram manifestação de status social, o que, no Renascimento será uma característica primordial (BATTLES, 2003).

Foi a partir da criação das Bibliotecas Universitárias, que o bibliotecário surgiu de fato, como o organizador da informação e conseqüentemente, no Renascimento, consolidou seu papel como disseminador do conhecimento. Nas bibliotecas de Caen e Angers, o bibliotecário se tornou a figura central (MARTINS, 2002).

Como importantes Bibliotecas Universitárias, pode-se citar: a Biblioteca Jurídica de Orléans, a Biblioteca Médica de Paris, a Biblioteca de Oxford (fundada em 1334, na Inglaterra) e a de Cambridge (fundada em 1444).

4 BIBLIOTECAS NO RENASCIMENTO

É no Renascimento que as bibliotecas iniciaram, de fato, o seu papel de disseminadoras da informação, além de ser nesse momento que o bibliotecário assume de fato, a posição de agente central da sustentação das bibliotecas.

Conforme Milanesi (2002, p. 7) [...] “em O Nome da Rosa, [...] emerge a figura misteriosa do bibliotecário do convento, que levava a chave de um mundo complexo e misterioso [...], no Renascimento ele surge como um guia de ajuda na caminhada por um mundo novo e aberto”.

Em fins do século XV, reis e príncipes já possuíam pequenas coleções para uso pessoal ou exemplares que lhes eram dedicados. Nas áreas influenciadas pelo humanismo, sobretudo em seu berço, o norte da Itália, os acervos das bibliotecas particulares eram generosamente emprestados em círculos de relações das elites. Battles (2003, p. 72) afirma que [...] “o título de primeira biblioteca pública moderna talvez seja frequentemente dado à Biblioteca de San Marco, fundada por Cosimo de Médici, em 1444”.

Segundo Baratin e Jacob (2000) pouco se sabe sobre a formação das bibliotecas humanistas e é, somente por notas de aquisição em alguns manuscritos, inventários *Post Mortem* e catálogos de bibliotecas mais importantes que se permite seguir a formação de suas coleções. No que tange aos métodos de aquisição e catalogação, sabe-se pouco e quanto às modalidades de utilização, costumes e condições de trabalho intelectual quase nada se sabe.

Pode-se dizer que o Renascimento significou uma reviravolta na economia política da leitura, criando não apenas uma oferta de novos tipos de livro, mas também novas maneiras de lê-los.

A coleção de livros raros e importantes e a organização em bibliotecas passam a ser uma constante na vida desses homens de letras. Os fundadores das bibliotecas renascentistas se interessavam ardentemente pelas grandes bibliotecas da Antiguidade e faziam buscas intensas para encontrar livros de seu interesse ou que pudesse aumentar ainda mais seu prestígio justo aos seus pares e súditos (BARATIN, JACOB, 2000).

As bibliotecas dessa época contavam com o apoio de duques, mercadores e reis, tanto em recursos financeiros quanto humanos. Muitos tinham à sua disposição, nada menos, que quarenta e cinco copistas, o que logicamente demonstrava a ligação real que se desenvolveu entre essa nova erudição e o exercício do poder.

É também no Renascimento que surgiu uma maior preocupação com relação à situação física dos livros. A disposição arquitetônica, a organização interna e tantos outros detalhes de suma importância começaram a ser avaliados na organização das bibliotecas e medidas técnicas foram tomadas para superar os problemas já existentes. Essa tarefa cabia, exclusivamente, ao bibliotecário.

Entretanto, não foram só príncipes e mercadores responsáveis pela fundação de bibliotecas renascentistas, foi do Papa Nicolau V a idéia da fundação da maior biblioteca do Renascimento: a Biblioteca Vaticana.

Por fim, pode-se dizer que a criação das bibliotecas no Renascimento se deu por um acúmulo de apetite de nobres e papas, mas que foi a porta de abertura para uma nova era na história das bibliotecas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É verificável a existência de bibliotecas desde a Antiguidade, ou seja, desde a invenção da escrita. A necessidade de registrar conhecimentos e informação, por parte dos povos antigos, levou-os a montar arquivos antes mesmo da produção dos seus registros. Esse objetivo mudou no decorrer da sua evolução; as mudanças técnicas, como o uso do papel e a invenção da imprensa, tornaram a biblioteca mais acessível e seu caráter passou de instituição fechada e particular para leiga e pública.

A partir do Renascimento, as bibliotecas passaram a adotar um caráter mais democrático e tentaram, de todas as formas, alcançarem o público; tornaram-se as bibliotecas de consumo. Dessa forma, pode-se afirmar que a história da biblioteca se relaciona intimamente com a história do conhecimento humano. Foi por e com ela que o conhecimento foi preservado e disseminado através dos tempos.

Por outro lado, deve-se também levar em conta o profissional bibliotecário, pois, apesar das diversas formas de atuação, sempre objetivou a mediação do conhecimento ao seu principal alvo: o usuário.

Portanto, conclui-se que a biblioteca não deve ser entendida apenas como um fenômeno social e cultural, mas sim como uma instituição social das mais complexas e importantes do sistema de comunicação humana, sendo responsável pela preservação e transmissão da cultura. Além disso, por sua singular condição e ao mesmo tempo repositório e meio de difusão das experiências desenvolvidas em constante interação com os fatores que

atuam no processo sócio-cultural, o que em nem sempre se dá de forma satisfatória e equilibrada.

The Process Evolutionary of Libraries from Antiquity to the Renaissance

Abstract: The article presents a historical overview on the history of the library over time with the additional figure of the librarian in the course of evolution. Exposes itself to the genesis and development of its library functions of the records of knowledge depository a vehicle for ownership and dissemination of information, finally recovering, so brief, the history of libraries of the major periods of history up to the libraries of consumption during the Renaissance.

Keywords: Libraries. Historical evolution. Librarian

REFERÊNCIAS

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000.

BATTLES, Mathew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FLOWER, Derek Adie. **Biblioteca de Alexandria**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MEY, Eliane Serrão Alves. Bibliotheca Alexandrina. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.2, p.71-91, jan./jun. 2004.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Biblioteca: uma trajetória. In: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA, 3., 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005.

PEREZ- RIOJA, José Antônio. **El libro y la biblioteca**. Barcelona: Salvat, 1952.

Informações do autor

Josiel Machado Santos

Bibliotecário (CRB-6/2577)

Rua Corrêa Machado nº. 1392 – Centro – Montes Claros (MG) – CEP: 39400-090

37 9903-1351 / 38 9971-9629

E-mail: lordjosiel@yahoo.com.br



Artigo recebido em 23/12/2012 e aceito para publicação em 27/01/2013.